

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM NARRATIVAS VISUAIS**

SANDRA KATO

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E
SUA NARRATIVA NA LITERATURA INFANTIL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CURITIBA
2019**

SANDRA KATO

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E
SUA NARRATIVA NA LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais, do Departamento de Desenho Industrial – DADIN, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador (a): Prof. José Aguiar

CURITIBA

2019

À Daniel, parceiro amado que, com
paciência e amor ajudou tornar possível
mais esta etapa.

Revelando que são coisas simples que
fazem o todo ser grandioso.

À Mariana Lis, pela parceria e
sensibilidade.

Tornando o trabalho artístico prazeroso e
divertido.

SILÊNCIO

Há qualidades incorpóreas, de existência dupla, nas quais segunda vida se produz, como a entidade dual da matéria e da luz, de que o sólido e a sombra espelham a evidência.

Há, pois, duplo silêncio; o do mar e o da praia, do corpo e da alma; um, mora em deserta região que erva recente cubra e onde, solene, o atraia lastimoso saber; onde recordações o dispa de terror; seu nome e “nunca mais”; é o silêncio corpóreo. A esse, não temais!

Nenhum poder do mal ele tem. Mas, se uma hora um destino precoce (oh, destinos fatais!) vos levar às regiões soturnas, que apavora sua sombra, elfo sem nome, ali onde humana palma jamais pisou, a Deus recomendai vossa alma!

(POE, Edgar Allan, 2009)

FOLHA DE APROVAÇÃO

SANDRA KATO

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E SUA NARRATIVA NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais, do Departamento de Desenho Industrial – DADIN, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Data de aprovação: 02 de março de 2020

Ismael Scheffler. Doutor em teatro. Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
departamento de Extensão.

Liber Eugenio Paz. Doutor em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do
Paraná.

José Aguiar Oliveira da Silva. Graduação em Educação Artística. Universidade
Tecnológica Federal do Paraná.

A folha de aprovação assinada encontra-se na coordenação do curso ou programa.

RESUMO

KATO, Sandra. **A representação da Morte e sua narrativa na literatura infantil.** 2019. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso, Especialização em Narrativas Visuais – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

Este artigo analisa como é retratado na literatura infantil o tema morte, considerado culturalmente como um tabu, com o objetivo de construir o suporte conceitual necessário para a criação de um ensaio de livro infantil, abordando tal tema. A metodologia empregada será de poéticas visuais, que tem o processo como foco central, tratando-se de um trabalho conceitual, mas que não dispensa fundamentação teórica. Portanto são discutidas a função educativa da literatura para o desenvolvimento do infante, a temática da morte na literatura e seus aspectos subjetivos, assim como apresenta a análise de dois livros similares e seus aspectos simbólicos. Apresenta o ensaio literário intitulado O Tempo do Partir, além do relato do processo prático de criação deste, levando em conta a metodologia de poéticas visuais.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro ilustrado infantil. Poéticas visuais.

ABSTRACT

KATO, Sandra. **Death's representation and its narrative in children's literature.** 2019. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso, Especialização em Narrativas Visuais – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

This article analyzes how the theme death, culturally considered as a taboo, is portrayed in children's literature, in order to build the conceptual support necessary for the creation of a children's book essay, addressing this theme. The Visual Poetics methodology is applied to allow the work process to be central. It is, still, a conceptual work that lay its foundation in theoretical research. Therefore, the educational function of literature for infant development, the theme of death in literature and its subjective aspects are discussed, as well as the analysis of two similar books and their symbolic aspects. This work presents a literary essay entitled *The Time of Leaving*, in addition to the report of its creation process, taking into account the methodology of visual poetics.

Palavras-chave: Children's literature. Children's Illustrated book. Visual poetics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro <i>O Urso e o Gato Montês</i>	17
Figura 2 – Urso triste	17
Figura 3 – Lembranças	18
Figura 4 – Esperança	18
Figura 5 – Capa do livro <i>O pato, a morte e a tulipa</i>	19
Figura 6 – A Morte carregando o Pato	19
Figura 7 – Conversa entre o Pato e a Morte	20
Figura 8 – O fluxo do rio	22
Figura 9 – O fluxo do mar	23
Figura 10 – <i>O tombo</i>	24
Figura 11 – Esboço 1	26
Figura 12 – Esboço 2	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO	11
2.1 LITERATURA INFANTIL	11
2.2 ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL	12
2.3 O TEMA MORTE NA LITERATURA INFANTIL	13
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
4.1 ENSAIO DO LIVRO – <i>O TEMPO DO PARTIR</i>	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE A – Ensaio literário – <i>O TEMPO DO PARTIR</i> Preto e Branco	32
APÊNDICE B – Ensaio literário – <i>O TEMPO DO PARTIR</i> COLORIDO	40

1 INTRODUÇÃO

Temas considerados polêmicos neste período – século XXI, época em que a criança é percebida como ser frágil e sem capacidades de lidar com o sofrimento humano – mostram-se constantemente presentes nas obras literárias e na literatura infantil. Tendo em vista que abordam questões universais para o ser humano, tais como a origem de sua existência, o tempo, a própria vida e, como consequência, a morte¹.

Desta forma, percebe-se a necessidade de contribuir para discussões de temas complexos no âmbito infantil, estimulando a produção literária como arte que auxilia os leitores, desenvolve um papel atuante, ao fazer história e participar do processo de pré- formação e motivação do comportamento social, concebendo a recepção como um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo com a obra (SILVA, 2013), em oposição de temas moralizantes, redundantes e produtos com finalidades puramente comerciais.

Obras que exploram temas como: direitos humanos, da criança em situações de vulnerabilidade, da guerra e do refúgio vistos pelo foco da infância – que foram considerados tristes em uma entrevista retirada da editora *Pulo do Gato*² – não são a antítese dos conteúdos lúdicos, pois também atendem às necessidades da criança. Segundo Márcia Leite, educadora há 35 anos, editora desde 2011 e escritora, “crianças precisam de livros que permitam interlocuções sobre temas que as rondam direta ou indiretamente e sobre os quais têm curiosidade ou necessidade de diálogo. Se alguns temas são tristes, duros, controversos, comovente, bem, a vida é assim também para as crianças” (ROGÉRIO; REIS, 2017).

O tema morte não se esgota nas produções artísticas e literárias da humanidade, tema com visão diferenciada entre culturas e crenças, não cessando de inquietar o ser humano em todas as idades. Logo justifica-se discutir e produzir literatura que aborde esta temática.

¹ Viviane Mosé aponta que os temas universais que tocam a espécie humana, são uma constante desde a constituição da Cultura sendo, talvez, um dos motivos pelos quais houve a revolução cognitiva que permitiu à espécie desejar registrar sua existência, já nos primórdios de sua evolução (2019).

² Entrevista, realizada por Reis e Rogério (2017), de título “O contemporâneo na literatura infantil”, retirado do site da Editora *Pulo do Gato*.

Acrescenta-se ainda que a dificuldade de entendimento da morte pelo adulto faz com que sua abordagem com a criança fique comprometida, escolhendo muitas vezes o silêncio, o desvio da informação ou a mentira como estratégia para livrar-se do próprio peso em lidar com o tema. O autor Aberastury (1984 apud SENGIK; RAMOS, 2013) reforça o argumento apontando que o diálogo é essencial para a compreensão do luto pela criança, pois, quando se trata do final da vida, embora a criança desconheça seu processo propriamente dito, não deixa de experimentar a ausência, resultado da morte, que para a criança é vivenciada como abandono.

Para a finalidade deste trabalho, considera-se o leitor iniciante, na etapa de aprendizado por volta dos 8 anos³, idade classificada por Bamberger como “idade de leitura de realismo mágico” (2000 apud COSTA, 2009, p.65), que estaria relacionada com as mudanças psíquicas e motivacionais da criança, sendo mais especificamente a fase onde está mais suscetível à fantasia. Mas, também, não exclui outras idades, pois “literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (COELHO, 2000 apud SILVA, 2013, p. 18).

Neste amplo contexto é importante considerarmos a literatura infantil como Ligia Cademartori define:

As obras infantis que respeitam seu público são aqueles cujos textos têm potencial para permitir ao leitor infantil possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que lê. A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, ... (CADEMARTORI, 2017).

Desta forma, os contos de fadas aparecem como narrativas infantis, pertencente ao mundo próprio da criança (BETTELHEIM, 1998). Corso e Corso (2006) afirmam ainda que a capacidade de sobrevivência dos melhores contos, consiste em seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje.

Portanto, como categoria de arte, essas narrativas ultrapassam o caráter pedagógico, onde nas escolas muitas vezes perdem sua função prazerosa e

³ Importante ressaltar que a invenção de infância, como a conhecemos atualmente, aconteceu na medida em que a Revolução Industrial criou espaços de produção separados do espaço familiar, nos ideais iluministas e nos novos códigos civis trazidos pelas revoluções burguesas, passando a reconhecer as crianças como sujeitos, com direitos, proteções legais específicas e reconhecimento de uma subjetividade diferenciada da dos adultos (CORSO; CORSO, 2006).

encantadora, condição essencial para o processo de formação de leitores. Vários contos e fábulas, em virtude de seus aspectos fabulosos e maravilhosos, são reconhecidos pela psicopedagogia como importantes para o desenvolvimento cognitivo, bem como para a formação integral da criança (SILVA, 2013).

Assim, para melhor explorar o vasto mundo da literatura infantil, este artigo tem como objetivo principal desenvolver um ensaio de livro infantil com o tema morte, buscando subterfúgios na relação entre ilustração e poesia para melhor relatar esta temática, utilizando da metodologia de pesquisa em poéticas visuais visando, desta forma, apresentar o processo deste ensaio.

Mais especificamente, objetiva-se também apresentar dentro da literatura infantil seus aspectos psicológicos e educativos no desenvolvimento do leitor infantil, assim como analisar técnicas ilustrativas e linguagem poética dos livros: *O Urso e o Gato Montês* e *O pato, a morte e a tulipa*.

2 DESENVOLVIMENTO

De forma a construir o corpo teórico para o ensaio de um livro infantil são necessárias algumas considerações sobre literatura infantil, ilustração na literatura infantil e o tema morte na literatura infantil.

2.1 LITERATURA INFANTIL

Um breve contexto em relação à literatura infantil no Ocidente seria a partir do que conhecemos como contos de fadas, adaptações das histórias populares que segundo Cademartori (2017) começaram no século XVII, com o escritor francês Charles Perrault⁴, no séc. XIX com os irmãos Grimm⁵ na Alemanha e consequentemente com outros escritores como o dinamarquês Hans Christian Andersen⁶, o italiano Collodi⁷, o inglês Lewis Carroll⁸, o americano Frank Baum⁹, o escocês James Barries¹⁰, todos estes, nomes que fizeram parte da infância de muitos leitores. Essas adaptações refletiam o contexto histórico de cada período e de seu local de origem, estruturando-se inicialmente com a burguesia para atender o público infantil em sua educação. Mas, como essas histórias partem dos contos populares, mesmo suas adaptações possuindo aspectos moralizantes para atender aos ideais, crenças e costumes daquele contexto, são ricos por também conter o terror e os conflitos da humanidade, características pertencentes à classe marginalizada que os gerou (CADEMARTORI, 2017).

No Brasil, Monteiro Lobato destacou-se na literatura infantil no período entre 1920 e 1947, com o universo do *Sítio do Pica-Pau amarelo*, e assim como os escritores citados acima, abordou em suas histórias a cultura popular (neste caso brasileira) contrapondo com uma época de grande influência estrangeira de um Brasil

⁴ Perrault publicou obras extraídas da tradição oral, dentre elas: *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *Cinderela* e *o Pequeno Polegar*, reunidas no livro *Contos de Mamãe Gansa* (Silva, 2013).

⁵ Jacob e Wilhelm Grimm, publicaram o livro *Contos para Crianças e para o Lar*, dois volumes de um grande apanhado de obras tradicionais de diversas regiões do mundo, englobando contos, fábulas, anedotas, lendas e até piadas, sendo os mais conhecidos títulos *A Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Rapunzel* e *João e Maria* (Silva, 2013).

⁶ Reconhecido como o pai da literatura infantil, com obras autorais, publicou *Contos para Crianças*, dentre eles *O Patinho Feio*, *Pequena Sereia*, *O soldadinho de Chumbo*, *A Roupa Nova do Imperador*, dentre muitos outros (Silva, 2013).

⁷ Publicou na Itália, em 1883, *As Aventuras de Pinóquio* (Silva, 2013).

⁸ Escritor inglês, criador de *Alice no País das Maravilhas* em 1865 (Silva, 2013).

⁹ Escritor norte americano, publicou em 1900, *O Maravilhoso Mágico de Oz* (Silva, 2013).

¹⁰ Escocês, criador de *Peter Pan* em 1904 (Silva, 2013).

Colonizado. Lobato foi considerado um revolucionário da época, quebrando a estética do romantismo e modas europeias, estabelecendo uma ligação entre literatura e as questões sociais (CADEMARTORI, 2017). Assim, Cademartori (2017) esclarece que “a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional”, este mundo que instiga e onde o conhecimento supera os padrões estabelecidos em uma moral oficial, preceitos religiosos e normas estatais.

No entanto, mesmo com todas as dificuldades que a educação tem enfrentado, a autora também ressalta o caráter pedagógico da literatura infantil, pois ensina a língua e proporciona experiências, enriquecendo o repertório e melhorando a escrita do leitor, “meio possível de superação da dependência e da carência, por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento” (CADEMARTORI, 2017), na relação de dependência entre adultos e crianças. A autora ainda acrescenta que no final do séc. XX, no Brasil, a literatura para crianças fez parte da pauta das políticas públicas de educação e cultura, promovendo e ampliando a distribuição de livros em escolas e bibliotecas públicas (CADEMARTORI, 2017).

2.2 ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL

Ressalta-se a importância da ilustração em obras literárias voltadas para crianças, pois além de apoio para uma melhor compreensão textual da história, a ilustração mostra ter uma linguagem própria, proporcionando ao pequeno leitor percorrer pelo imaginário. Lembramos que as imagens estão, há tempos imemoráveis, no imaginário de muitos, nas pinturas rupestres, imagens em porcelanas, imagens em esculturas gregas, entre outras. Encontramos narrativas que nos fazem voltar para o passado buscando significados para acrescentar em nossas histórias como sociedades atuais, como destaca Carvalho (2012):

“A primeira coisa que me vem à mente na idealização de um conto é, pois, uma imagem que por uma razão qualquer apresenta-se a mim carregada de significados, mesmo que eu não o saiba formular em termos discursivos ou conceituais”. (CALVINO, 1990, apud CARVALHO, 2012, p.2)

Histórias célebres da literatura infantil tiveram ilustrações que se destacavam por captar o terror das narrativas, a exemplo das ilustrações de Gustave Doré em 1861, que deram vida e sentimento ao enredo do conto *Chapeuzinho Vermelho* de Perrault (SILVA, 2013). As narrativas infantis tratam de questões e conflitos necessários ao desenvolvimento da criança – como será abordado no item 2.3 – possibilitando, segundo Silva (2013) a experiência do real através do simbólico sendo que, para isto, a ilustração precisa captar até mesmo o que é dificilmente percebido de forma direta, ou consciente pelo leitor.

Carvalho (2012) em seu artigo *Livro de Imagem*, também ressalta a importância para o desenvolvimento infantil, pois como leitor a criança também contribui narrando as imagens vistas, preenchendo com suas experiências, conhecimentos e fantasias para construir sentidos, já que as imagens funcionam como proposta e provocação à criação da narrativa pela criança.

Para Cademartori (2017) “a relação entre a linguagem verbal e visual se justifica na medida em que se busca integrar processos de simbolização, com o objetivo de estimular expressões”.

2.3 O TEMA MORTE NA LITERATURA INFANTIL

A intenção de compreender o funcionamento das ilustrações nas histórias infantis, tem como interesse retratar temas sensíveis, como a morte, tanto para crianças quanto para adultos. Tema que ainda observamos resistência de ser discutido no âmbito infantil, mas que se mostra de grande importância como veículo de interação e entendimento para pais, filhos e educadores.

Kirchof e Silveira (2018) apresentam em seu trabalho que:

No contexto alemão, por exemplo, Hesse (2015, p. 121) afirma que, até a década de 1980, a morte era tratada como um tabu pelo mercado editorial, o que mudou radicalmente a partir da década de 1990, quando, ao contrário do que ocorria até então, a morte acabou se transformando em um tema da moda em livros para crianças. Também no contexto espanhol, com base na análise de 150 obras consideradas as melhores publicadas na Espanha entre 1977 e 1990, Teresa Colomer (2003, p. 277) constatou a progressiva “incorporação de temas excluídos até agora dos livros infantis por sua inadequação à etapa da infância”, [...]“por sua dureza ou complexidade moral”, registrando, entre esses temas, a questão da morte. (KIRCHOF; SILVEIRA, 2018, p. 60)

Entretanto, Dolto (1999), médica e psicanalista, acredita que omitir fato, como a morte de um familiar ou de alguém próximo, pode afetar no desenvolvimento da criança, pois a criança suporta este gênero de notícia que é, muitas vezes, desagradável para os adultos. Para ela, assim como a crueldade que é retratada nos contos de fadas, a morte também poderá ser entendida a partir do seu imaginário.

Portanto, privar a criança a possibilidade de elaborar seu luto, seja ele literal ou simbólico¹¹, não somente não a poupará de sofrimento, como possivelmente estaria em realidade o prolongando. Neste sentido, Branco (2018) salienta que não somente a literatura possibilita que aspectos inquietantes da vida psíquica sejam colocados em trabalho, como permite que estes sejam expressos, gerando fascínio exatamente por sua ressonância em relação aos aspectos inconscientes, seja no adulto ou na criança, o que explicaria tanto o sucesso de histórias que a princípio gerariam medo.

Ou seja, por mais que seja possível concluir que não há uma representação completa da morte para a criança, assim como também não há para o adulto, isto não quer dizer que o tema não possua alguma familiaridade, tendo em vista que simbolicamente a perda de um objeto, mesmo que temporariamente é tema de elaboração na infância, pois cria a necessária frustração para que a criança possa se organizar no mundo (BRANCO, 2018). Parafrazeando Freud, pai da psicanálise, há nas obras de literatura que realmente falam à alma algo de inquietante, porém é uma estranheza familiar, “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 2010, p.249).

¹¹ Em *Luto e Melancolia*, Freud (1917/1996) descreve que há luto mesmo quando o objeto de amor não é totalmente eliminado, como no caso literal de um falecimento, pois uma real desconsideração ou desapontamento criam um desprendimento do objeto de amor, neste sentido pode-se entender como um luto simbólico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente foi realizado o levantamento de referencial bibliográfico e documental sobre o tema; este levantamento será não somente uma fonte de referências, mas também deve influenciar as etapas posteriores. Esta etapa teórica adota o método de pesquisa qualitativa, mais especificamente uma investigação conceitual envolvendo pesquisa bibliográfica, levando em consideração o entrelaçamento de ambas (LAKATOS e MARCONI, 1992).

Partindo da discussão de que a metodologia das Artes Visuais precisa estar alinhada com sua prática, entende-se que “sem poética não se coordenam ideias e sem metodologia não se consegue dar materialidade a tais ideias” (MENDES, 2018, p. 8). Assim, a metodologia adotada para a segunda etapa deste trabalho é descrita como pesquisa em poéticas visuais que, segundo Sandra Rey (1996), tem como principal característica a disposição dos procedimentos em relação à própria pesquisa e a teoria envolvida, pois não se trata de uma pesquisa de caráter descritivo sobre a arte, mas sim uma pesquisa de caráter exploratório, em arte, por focar no processo de criação, individual do artista.

Neste sentido, Brantes (2013) complementa que o trabalho em poéticas visuais se enquadra como pesquisa conceitual que visa entremear-se pela cultura humana, o que inevitavelmente a torna uma exploração de caráter qualitativo, que considera a necessidade de envolvimento do pesquisador com o tema a ser desenvolvido. Ducum (2011 apud BRANTES, 2013) ressalta ainda que há um vasto campo a ser explorado histórica e culturalmente, no que diz respeito às artes, em diferentes disciplinas que podem contribuir para a construção e discussão de temas diversos, demandando uma postura ampla e multidisciplinar.

Desta forma, após realizado os levantamentos bibliográficos que discutem de forma crítica o tema, tanto em relação à subjetividade humana, quanto em relação à própria produção artística sobre o mesmo, deu-se início à produção de um ensaio literário aliando breves poemas com ilustrações que desenvolvem o tema morte a partir da experiência da artista. Portanto, seguindo a metodologia em poéticas visuais, os resultados são descritos levando em conta tanto os aspectos críticos da teoria, quanto a própria experiência de quem a produz em relação ao tema, suas escolhas estéticas e semióticas, que serão apresentados no campo de resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para este artigo foram utilizados o livro: *O urso e o gato montês* e o livro: *O pato, a morte e a tulipa*, que trazem em suas histórias a temática da morte, a fim de contribuir para o processo de criação do ensaio que será apresentado no item 4.1.

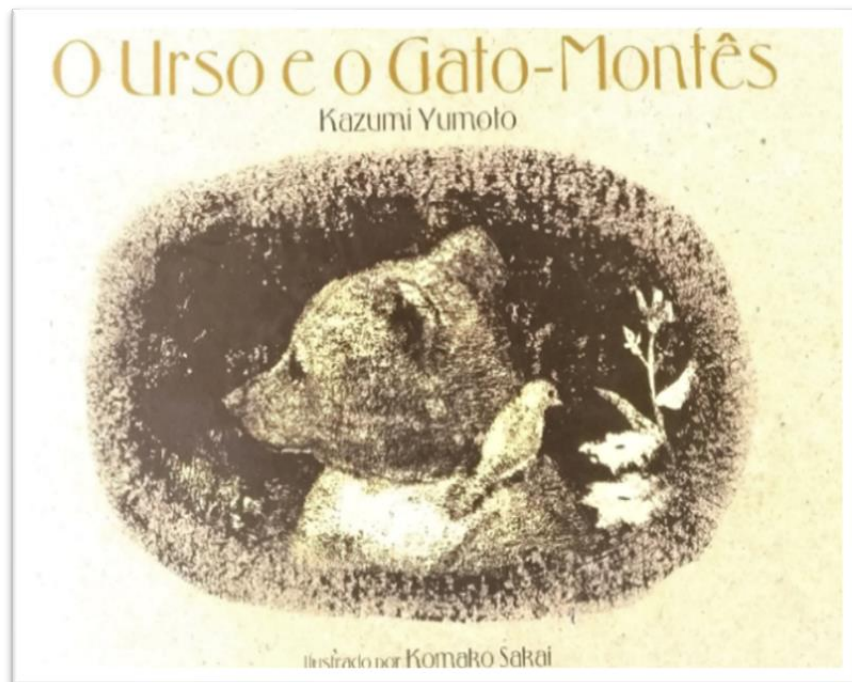
A seguir uma breve sinopse sobre os livros citados:

O livro *O Urso e o Gato Montês* com texto de Kazumi Yumoto e ilustrações de Komako Sakai, mostra com delicadeza a tristeza do personagem urso, ao perder seu amigo, o passarinho. É possível, através das cores e das ilustrações, sentir uma certa melancolia; os tons de cinza transmitem a ausência, também há uma diluição das silhuetas com o fundo (cenário), tornando o livro um portal para as sensações do personagem, ligando-se ao leitor (YUMOTO, 2012).

No livro *O pato, a morte e a tulipa*, de enredo criado por Erlbruch é aparentemente simples: um Pato sente arrepios ao se dar conta de que está sendo seguido pela Morte – figurativizada como um ser antropomórfico, com cabeça de caveira, vestindo uma bata xadrez e carregando uma Tulipa. Contudo, ao longo da trama, ambos os personagens vão desenvolvendo uma delicada relação de afeto, companheirismo e amizade, a qual se mantém até o final da história, quando o Pato morre e é carregado pela Morte na direção de um grande rio (ERLBRUCH, 2009).

Seguem algumas imagens dos livros citados, Figuras 1 a 7:

Figura 1: Capa do livro *O Urso e o Gato Montês*.



Fonte: Yumoto, (2012).

Figura 2: Urso triste.



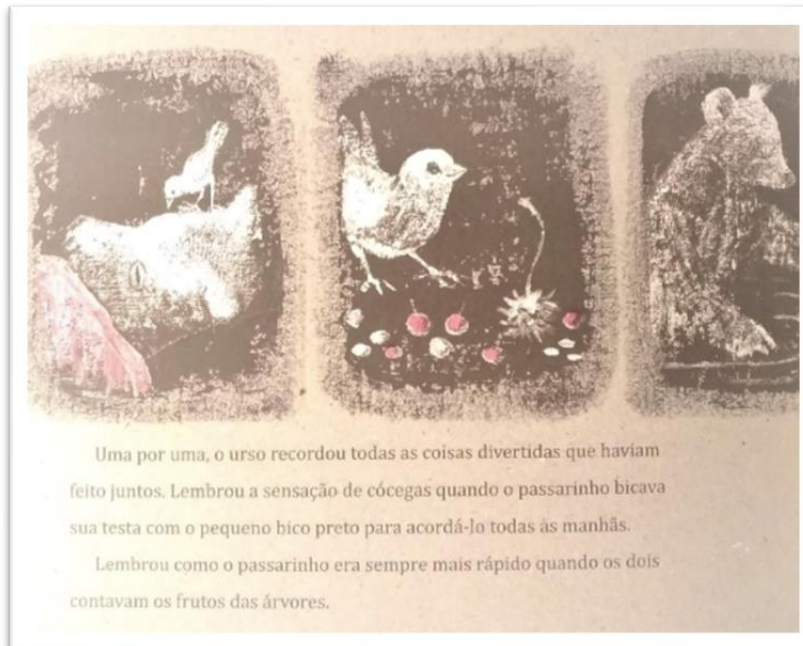
Fonte: Yumoto, (2012).

Figura 3 - Esperança.



Fonte: Yumoto (2012).

Figura 3: Lembranças.



Fonte: Yumoto (2012).

Figura 5 - Capa do livro *O pato, a morte e a tulipa*.

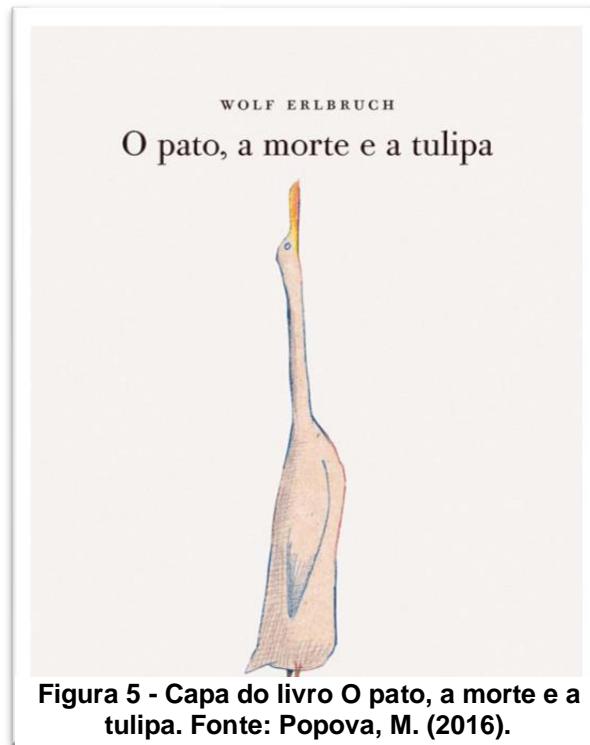
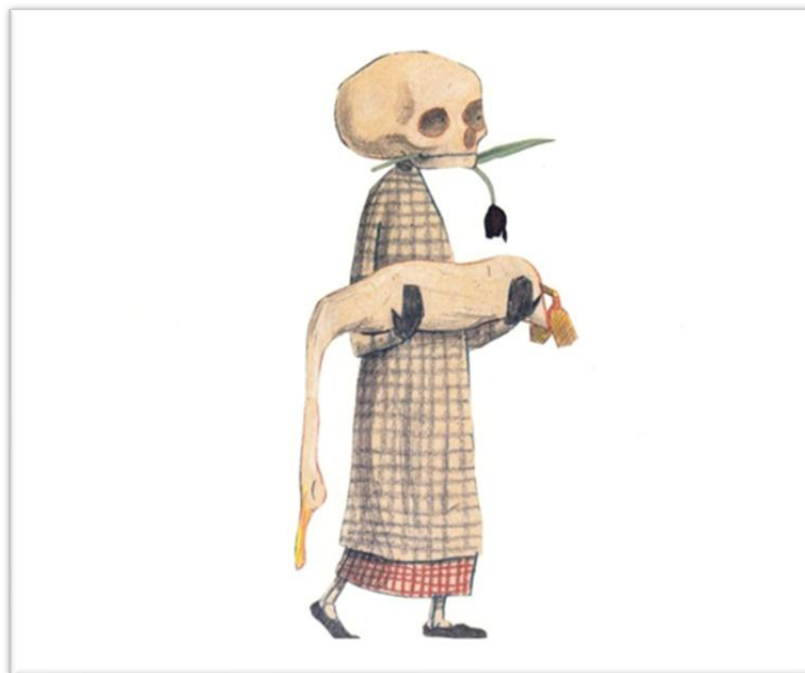


Figura 5 - Capa do livro *O pato, a morte e a tulipa*. Fonte: Popova, M. (2016).

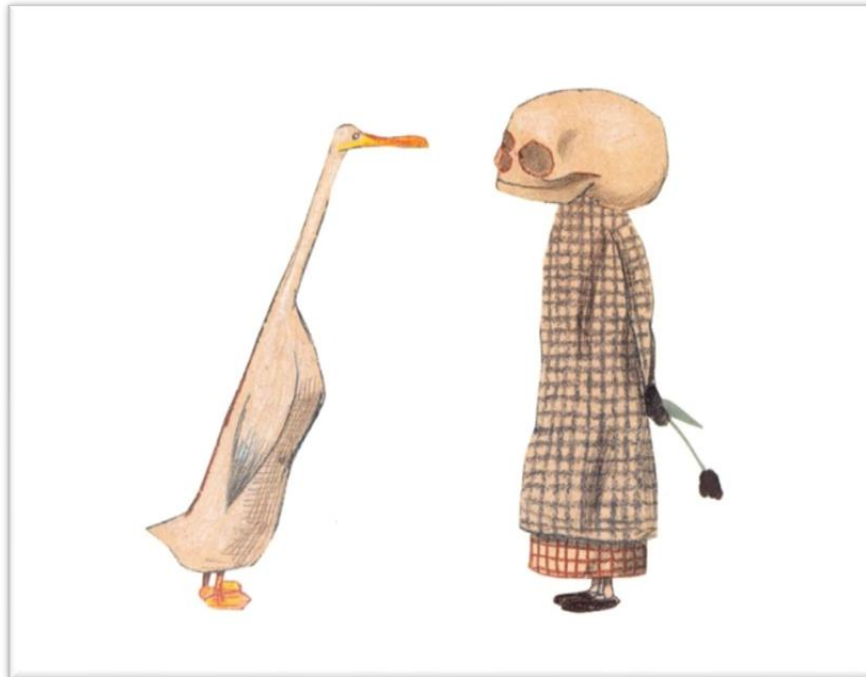
Fonte: Popova, M. (2016).

Figura 6 – Morte carregando o Pato.



Fonte: Popova, M. (2016).

Figura 7 – Conversa entre o Pato e a Morte.



Fonte: Popova, M. (2016).

Embora ambos livros utilizem animais em suas histórias como personagens, o uso desse recurso não produz eufemismo e tampouco o abrandamento da temática.

Segundo Faria (1999) “o animal antropomorfizado permite a representação de uma humanidade abstrata, abordando emoções e ações fundamentais”, ressaltando também que a utilização de antropomorfismo na literatura infantil permite o distanciamento, proporcionando mais liberdade aos autores, “tanto para expor situações de conflito como de amor” (FARIA, 1999).

4.1 ENSAIO DO LIVRO – O TEMPO DO PARTIR

A partir do estudo feito sobre a literatura infantil foi possível entender que o livro infantil possui além de aspectos moralizantes e educativos, a importância em sua narrativa como arte literária. Partindo dessa premissa, o livro é retratado como objeto de expressão para trabalhar o tema morte, onde texto e ilustrações combinam-se, contornando as formas e palavras para atender a fase da infância contribuindo com investigações e estudos que foram realizados ao longo dos anos por profissionais de diversas áreas. Desta forma, o livro infantil pode convir como portador da voz da

criança, a qual necessita de suportes (livros e brinquedos) para dar ordem a seus processos internos, respeitando-a como sujeito em preparação para os desafios da vida¹².

Este estudo resultou em breves poemas que surgem do tema morte, no ensaio de expressar o desconhecido, a lembrança, o vazio e a dor, combinando com ilustrações formando um “jogo simbólico” – realidade versus fantasia. O tema escolhido trabalha o processo de luto, no qual através da criação pretende-se preencher o vazio deixado pela falta de um ente amado. Resultado que se encontra no Apêndice A.

Tratando-se do processo de criação propriamente dito, realizar este trabalho mostrou-se desafiador pois, mesmo havendo o impulso de expressar aquilo que inquieta, trabalhar o tema morte na literatura infantil não foi fácil. Surgiram dúvidas em relação ao que relatar e o que omitir para este público, possibilitando brincar com as palavras e ilustrações.

No entanto, quando as palavras fluíram: algumas através das lembranças e outras tiradas do sofrimento da saudade, surgindo os primeiros ensaios. O texto foi sendo ajustado para uma escrita mais simples, pois inicialmente surgiu uma poesia mais subjetiva, mas que se mostrou densa, de difícil compreensão. Nesta fase, livros como: *O pato, a morte e a tulipa* e *O Urso e o Gato Montês* foram consistentemente investigados, sendo selecionados devido ao diálogo direto sobre o tema morte em sua complexidade poética; seja através do texto, das ilustrações ou da conexão de ambos.

No livro *O pato, a morte e a tulipa*, sua complexidade poética aparece na simbologia do rio que traz para o personagem Pato a reflexão sobre a vida, como visto nos diálogos de Erlbruch (2009) a seguir:

- “Será assim que eu vou morrer” ... A lagoa sozinha, sem mim.” (Pato)
- “Quando você estiver morto, o lago também desaparecerá – pelo menos para você”. (Morte)

¹² Sengik e Ramos (2013, p. 384), mostram que o livro é percebido pela criança também como brinquedo, “transfere questões pessoais para o brinquedo e depois consegue verbalizar suas emoções, seu estado de abandono”, serve como mediador e objeto de ajuda na elaboração do que se passa com a criança. Quando se trata do tema morte, “a criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vive...” (ABERASTURY, 1984, apud SENGIK; RAMOS, 2013). A oportunidade de diálogo ajuda a criança a compreender melhor a perda e os sentimentos que envolvem o luto.

Posteriormente, quando o Pato morre, a Morte o coloca sobre as águas, no fluxo do rio, semelhante ao fluxo da vida. Figura 8:

Figura 8 - O fluxo do rio.



Fonte: Erlbruch, (2019).

Esta referência surgiu ao longo do processo para auxiliar as ilustrações do ensaio (apresentadas integralmente no Apêndice A), possibilitando também compreender que o tema poderia ser trabalhado na interação entre metáfora e literalidade, pois enquanto o livro utiliza metáforas, como o fluxo do rio, também traz elementos literais como a própria representação do personagem Morte – uma caveira – e com sua franqueza discursiva ao falar ao Pato sobre o morrer.

Tanto o aspecto metafórico de um fluxo contínuo do rio, que aparece representado pelo mar no ensaio (Figura 9), quanto o aspecto literal da finitude da experiência da autora com sua cadelinha, que aparece textualmente no trecho intitulado *O Tombo* (Figura 10), estão presentes no resultado do ensaio.

O processo para que isto fosse possível foi facilitado pelos trabalhos similares, o que não exclui a dificuldade de “dar corpo” ao trabalho, pois o luto é uma árdua elaboração, que traz desafios para o processo de ilustrar. A escolha do mar como metáfora ilustrativa, que aparece em toda a sequência de páginas do ensaio, foi feita pela sua noção de fluxo, assim como pela amplitude deste significante – o infinito oceano – no arcabouço simbólico do leitor. O aspecto fantástico também aparece,

quando as ondas surgem da cabeça da personagem menina, simbolizando a profundidade de suas próprias memórias. O barco figura também como representante da transitoriedade, levantando elementos da mitologia, fazendo uma referência de segundo nível, como sugere Umberto Eco (2018) que desafia o leitor a saber mais.

Figura 9 – O fluxo do mar.



Fonte: Autoria própria (2019).

Figura 10 - O tombo.



Fonte: Autoria própria (2019).

Este fluxo não está presente somente no mar que toma conta das páginas do ensaio, mas também na transitoriedade, no amadurecimento da personagem menina, que através da amizade passa a superar, paulatinamente, seus medos no decorrer da narrativa.

Assim, o início do ensaio descreve *O Começo*, onde o texto foi constituído de duas experiências: a lembrança de quando a autora adquire um cachorrinho e da tristeza do momento em que o cachorrinho morre. A tristeza está presente figurativamente como o frio, o inverno gelado e na sensação de não ter fim, mas há

também o dado biográfico de que no dia, quando foram apresentadas, estava realmente uma tarde fria de névoa. É importante perceber que, embora a sequência narrativa seja biográfica, pois relata os bons momentos daquela relação, ela é também um entrelaçamento entre a lembrança dos momentos felizes, que permitiram dar início ao processo pessoal de elaboração do luto, que são descritas no decorrer dos poemas.

Na sequência da narrativa aspectos do cotidiano aparecem para construir o enredo, assim como para demonstrar, em um segundo nível, o amadurecimento da personagem ao vivenciar a simplicidade com que sua cadelinha interage com o mundo. Demonstra, neste entremeio, a importância que sua companheira começa a tomar em sua vida, construindo assim os degraus para o desfecho do ensaio, que leva à separação das personagens, fazendo alusão à morte.

Na comparação com os textos, o processo das ilustrações foi distinto, revelando uma elaboração mais trabalhosa e prolongada. Processo que foi permeado por questões como: Como seria possível dar forma às emoções? Qual a melhor técnica para ilustrar? Colorir ou não? Passaram-se quase três meses para o início dos primeiros esboços.

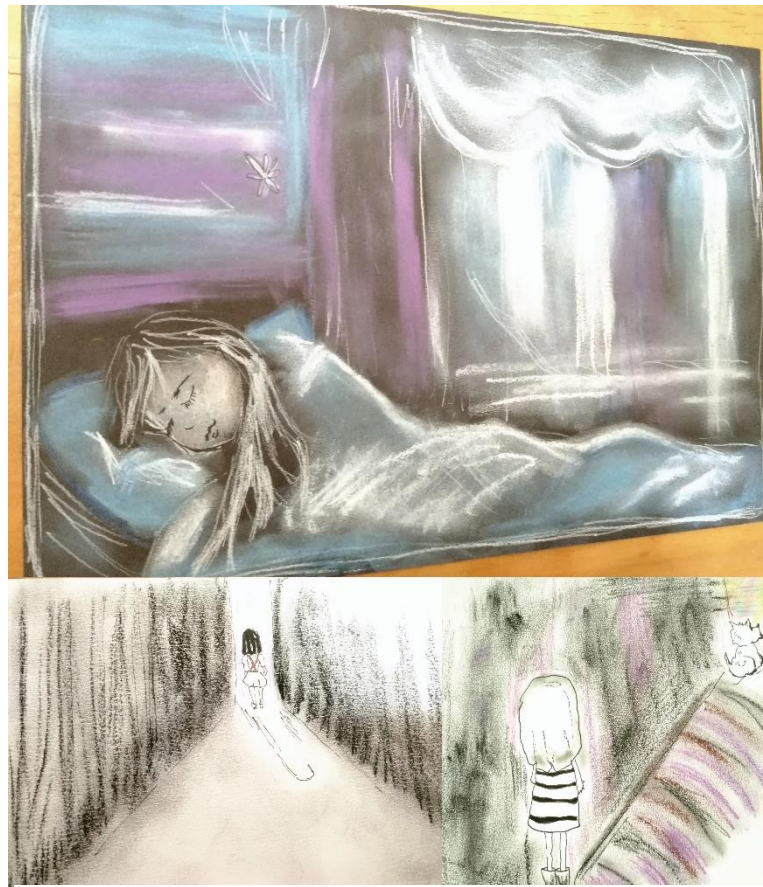
Inicialmente foram páginas preenchidas com cores escuras, como cinza e preto, onde o personagem mostrava sua tristeza, sendo utilizado as ilustrações do livro *O Urso e o Gato Montês* como referência. Depois tons de azul e roxo surgiram proporcionando um aspecto de mistério e a subjetividade da narrativa, técnicas como: caneta nanquim e giz pastel foram experimentadas. Contudo, não foram satisfatórias, pois não havia conexão entre as páginas ilustradas, ficando isoladas entre si. Figuras 11 a 12:

Figura 11 - Esboços 1.



Fonte: Autoria própria (2019).

Figura 12 - Esboço 2.



Fonte: Autoria própria (2019).

Neste sentido, as lembranças foram o passo inicial que permitiu adentrar no rio de emoções envolvidas neste projeto, de modo a ser possível organizar a torrente de afetos que inicialmente estavam soltos, sem pontos de ancoragem gerando angústia. Esta historicização é central neste trabalho, pois permite que o sentimento não elaborado tome forma de texto e imagem, sendo possível através deste processo concretizar os sentimentos aliviando a angústia. Porém, não seria uma produção artística se não permitisse contato com o leitor. É aqui que o aspecto pessoal de criação e vivência do luto entra em contato com a criança que, ao elaborar seus lutos, também precisa organizar os sentimentos que a invadem.

Portanto, há uma modificação no artista, refletida em seu processo criativo, que pode ser observada nas Figuras 11 e 12, em comparação com o resultado do ensaio (Apêndice A).

Inicialmente a ilustração do ensaio tomou um caminho de maior literalidade em relação ao texto, ou seja, a imagem ilustrava o que o texto descrevia. Porém, no decorrer do processo e das análises da literatura, optou-se por uma independência – mesmo que parcial – entre imagem e texto. Como assevera Cademartori (2017), ao apontar que um texto redundante, seja no estilo das linguagens verbais e visuais, oferece pouco ao leitor, contudo no ensaio isto excedeu também para a narrativa visual, pois a representação literal da linguagem verbal na criação da narrativa visual, foi evitada, ao entender que as duas possuem estímulos independentes que podem, e devem, possibilitar diferentes interpretações e diferentes estímulos.

No processo de criação percebeu-se isto, também, na experimentação de uma versão alternativa colorida, na qual a interação com o texto se dava de forma diferente (Apêndice B). Enquanto a versão colorida poderia demonstrar maior esperança, mais leveza à narrativa, ao mesmo tempo não fez uma relação tão sinérgica com o texto desejado em comparação com a versão em preto e branco, que acabou sendo selecionada. Em ambos ensaios as técnicas escolhidas foram: aquarela e nanquim, nas quais as tintas são diluídas em água não havendo uma rigidez de contorno e traço.

A finalização da história representa um corte narrativo, mas que não aparece aqui de forma acidental, pois faz referência ao corte que a morte faz no fluxo da vida, como um evento incontornável. No trecho do ensaio - *O Tombo*, a narrativa teve apoio com a realidade da autora, pois relata indiretamente uma queda que a cachorrinha

sofreu de uma sacada ao conseguir abrir uma porta, mesmo já estando sem visão. Este corte na história real não levou ao falecimento da cachorrinha, mas foi o que trouxe em um segundo momento o final de sua vida. *O Tombo*, metaforicamente como um tropeço no caminho da vida que tanto se esforça para acreditar como garantido, realiza este rasgo tanto na narrativa, quanto simbolicamente ao transmitir isto que é tão familiar em relação ao viver, a imprevisibilidade do morrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desta pesquisa permite a reflexão de que viver é entender a finitude da vida, pois mesmo com muitas explicações que cada época, sociedade e religião apresentam sobre a morte, seu conceito ainda permanece um mistério. Sendo esta sua natureza, desperta curiosidade e necessidade de compreensão, para a qual a literatura tem muito a contribuir.

Entendemos que a morte não é passível de total compreensão. Sendo assim, antes de procurar explicá-la, este projeto utiliza o tema como objeto de estudo, motivado pela experiência de luto da autora, que buscou através da metodologia em poéticas uma área de estudo para o fazer artístico, resultando um ensaio literário. Este ensaio surgiu como portador das emoções experienciadas pela autora, partindo do trabalho desenvolvido por Sengik e Ramos (2013), no qual mostram que as crianças utilizam do livro como brinquedo e objeto auxiliar para a elaboração de suas emoções.

Ao confrontar o fazer artístico com a forma de compreensão dos elementos necessários à elaboração de uma obra infantil ilustrada, constatou-se que os conceitos de Silva (2013) e Cademartori (2017), em relação à linguagem verbal e visual, mostraram-se coerentes para a produção do ensaio, possibilitando, assim, atingir o objetivo deste artigo.

No entanto, o presente artigo permanece restrito como etapa inicial, demonstrando a necessidade de futuras investigações no campo da literatura infantil e do livro ilustrado infantil. Lembramos que a montagem dos ensaios (APÊNDICE A E APÊNDICE B) foi realizada artesanalmente de maneira intuitiva, com poucos recursos de manejo gráfico, abrindo espaço para a continuidade de experimentos

gráficos e investigações em relação ao *design* do livro, almejando uma futura publicação literária.

Finalmente, percebeu-se que, como ressaltou Cademartori (2017), a possibilidade oferecida pela literatura, ao permitir abordar temas complexos para a compreensão humana, como a morte, a dor e o sofrimento, favorece a superação de resistências e dependências que embotam o amadurecimento e autonomia da criança.

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BRANCO, D. R. **Compulsão à Repetição: angústia para além do princípio do prazer?** Revista Renovare de Saúde e Meio Ambiente. União da Vitória, v. Especial 2, n. 5, p. 327-338, Maio 2018.
- BRANTES, S. R. H. **Busca por uma metodologia em poéticas visuais**. In: VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL. 9. 2013. Goiânia. Anais eletrônicos. Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013-077-eixo2_H%C3%A9lio_Renato_Silva_Brantes.pdf. Acesso em: 14 de Nov. 2019.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- CARVALHO, M. **Livro de imagem – Narrativas sem palavras**. 2012. 9f. Monografia de Especialização - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2012.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COSTA, M. M. **Sempre viva, a leitura**. Curitiba: Aymará, 2009.
- DOLTO, F. **As etapas decisivas da infância**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ECO, U. **Confissões de um jovem romancista**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ERLBRUCH, E. W. **O pato, a morte e a tulipa**. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- FARIA, M.A. **A representação dos animais na literatura infantil: Realismo e fantasia, humor e estilização**. 15f. Instrumento Crítico. Vilhena, n.2, p. 33-47. Nov.1999.
- FREUD, S. **Luto e melancolia**. Obras completas, ESB, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **O Inquietante**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- KIRCHOF, R. E.; SILVEIRA H.M.R. **O pato, a morte e a tulipa: Leitura e discussão de um livro ilustrado desafiador com alunos dos anos iniciais**. 19f. Educar em revista. Curitiba, v.34, n.72, p.57-76. Nov./Dez. 2018.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. de. **Metodologia do trabalho científico**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MENDES, C. M. **Poéticas Visuais em Arte-Educação: Video-Encruzilhada.** Revista Digital do LAV. Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 3, p. 4-19, Set./Dez. 2018.

MOSÉ, V. **A espécie que sabe: do homo sapiens à crise da razão.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda. 2019.

POPOVA, M. **O pato, a morte e a tulipa: uma mediação ilustrada incomum e delicada sobre o ciclo da vida.** Maio 2016. Disponível em: <https://www.brainpickings.org/2016/05/04/duck-death-and-the-tulip-wolf-erlbruch/>. Acesso em 2 de Set. 2019.

REY, S. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais.** Porto Arte. Porto Alegre, v. 7, n.13, p. 81-95. Nov. 1996.

ROGÉRIO, C.; REIS, B. **O contemporâneo na literatura infantil.** Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, Out. 2017. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,a-vida-e-dura-para-as-criancas-tambem,70002045128>. Acesso em: 14 de Set. 2019.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. **Concepção de morte na infância.** Psicologia & Sociedade. Caxias do Sul, 25(2), 2013. p. 379-387. 2013.

SILVA, C. F. da. **Em busca do leitor literário: Um passeio com Chapeuzinho Vermelho.** 1 ed. São Paulo: Esfera, 2013.

YUMOTO, K. **O urso e o gato-montês.** 1 ed. São Paulo: Outono, 2012.

**APÊNDICE A – Ensaio Literário – *O TEMPO DO PARTIR*
Versão Preto e Branco**

Sandra Kato

Ensaio Literário: O TEMPO DO PARTIR

Os poemas expressam uma relação de amor e amizade entre uma menina e sua cadelinha.

Demonstra que o tempo dos animais não é o mesmo tempo que dos humanos e a cadelinha foi ficando velhinha, enquanto a menina amadurecia.

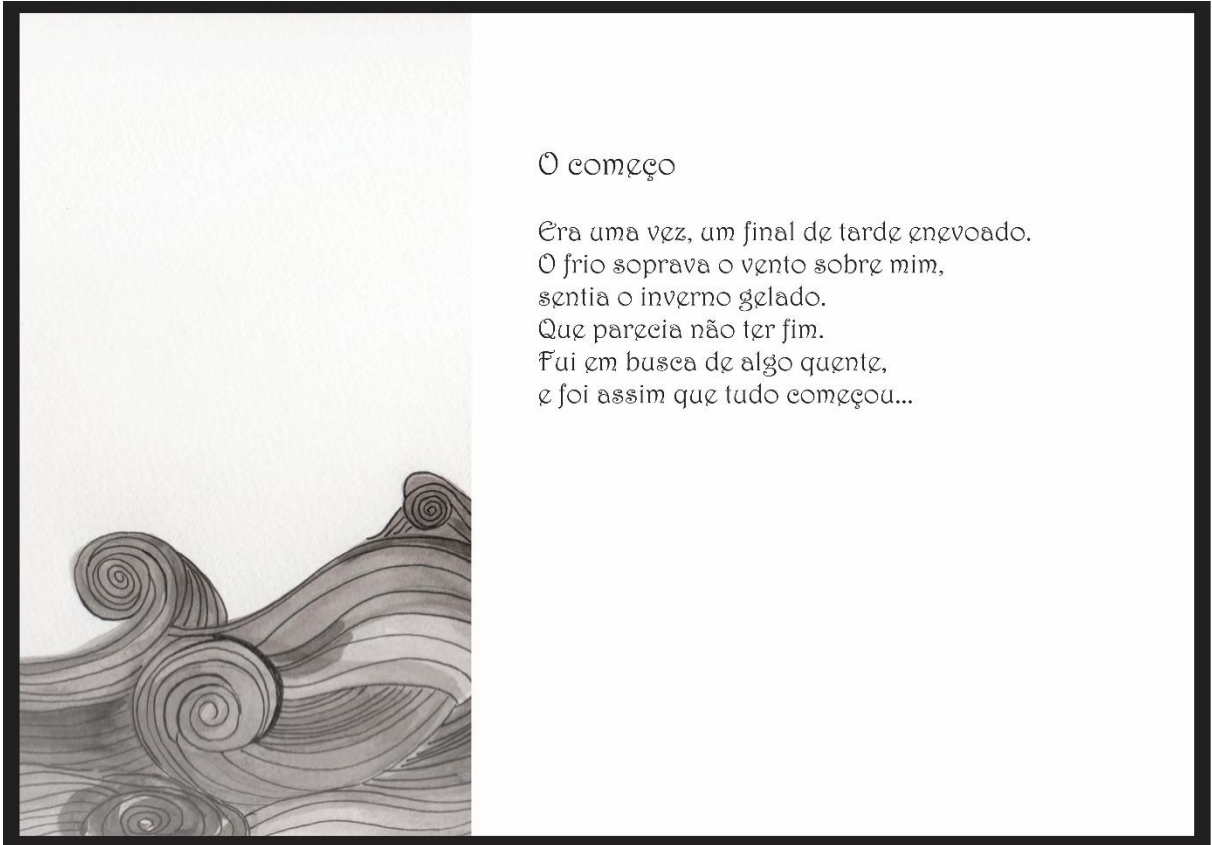
Neste tempo a menina aprendeu muito, inclusive a apreciar mais as coisas boas e simples da vida. Pois observou como sua amiga aproveitou seu tempo.

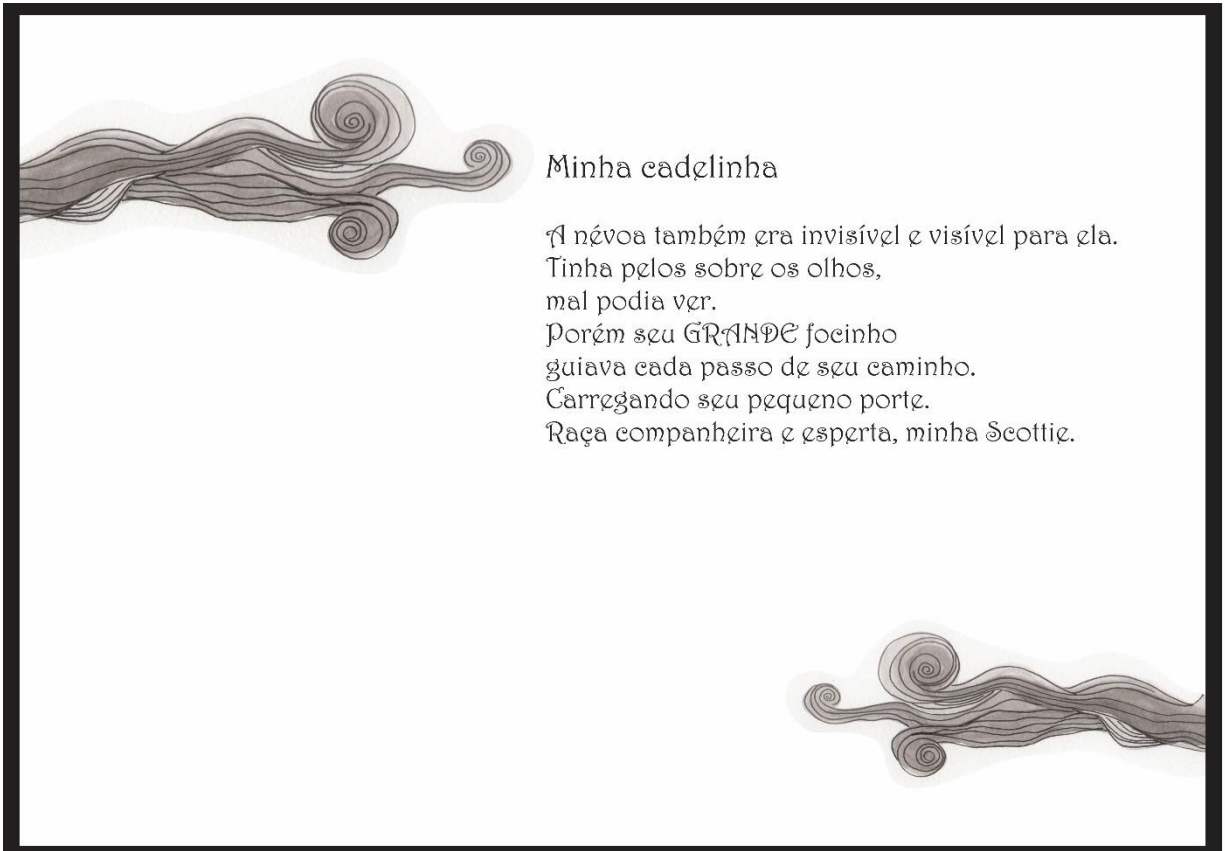
No entanto, quando sua cadelinha partiu ficou assustada e triste, imaginou que não seria possível viver sem ela, sua tristeza era vasta como o mar...

Mesmo assim, as lembranças dos momentos que passaram juntas confortaram sua tristeza, causavam até mesmo gargalhadas, bagunçando choro com risadas... e então ela suspirou e pensou ...

«Assim é a vida».

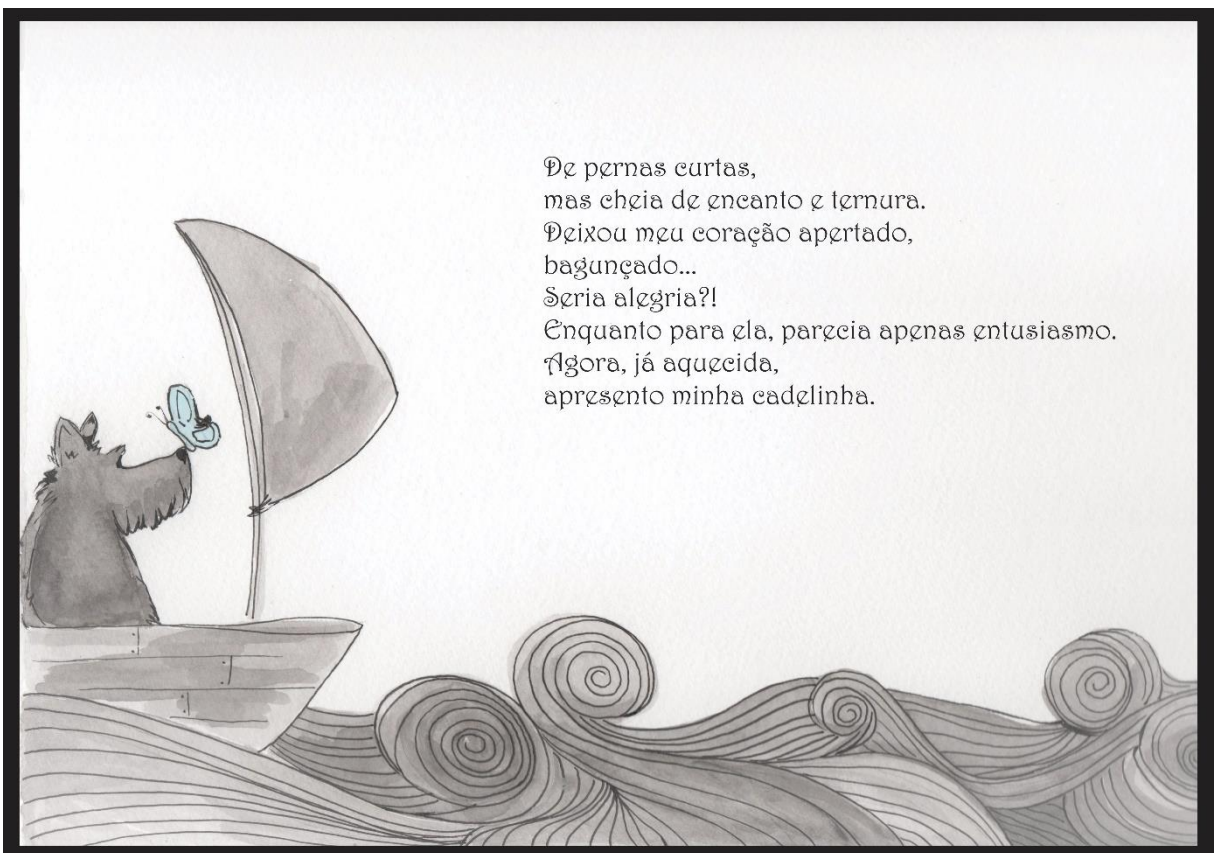






Minha cadelinha

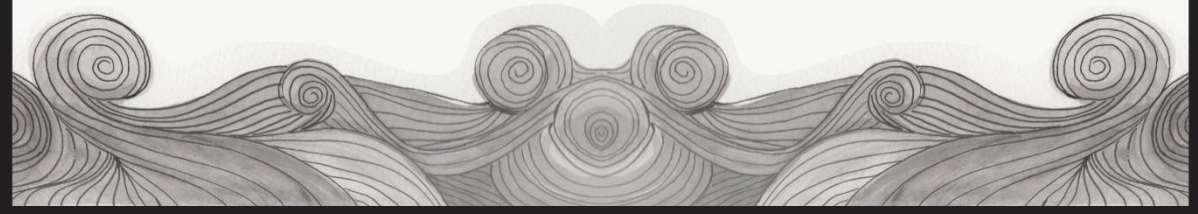
A névoa também era invisível e visível para ela.
 Tinha pelos sobre os olhos,
 mal podia ver.
 Porém seu GRANDE focinho
 guiava cada passo de seu caminho.
 Carregando seu pequeno porte.
 Raça companheira e esperta, minha Scottie.



De pernas curtas,
 mas cheia de encanto e ternura.
 Deixou meu coração apertado,
 bagunçado...
 Seria alegria?!
 Enquanto para ela, parecia apenas entusiasmo.
 Agora, já aquecida,
 apresento minha cadelinha.

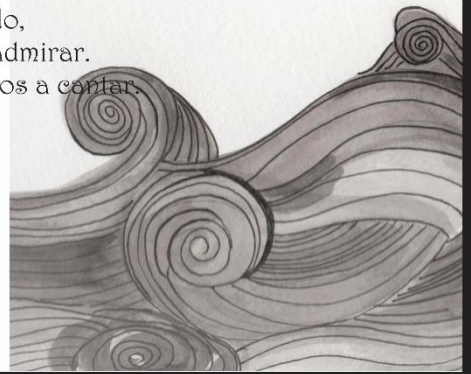
Nossas noites

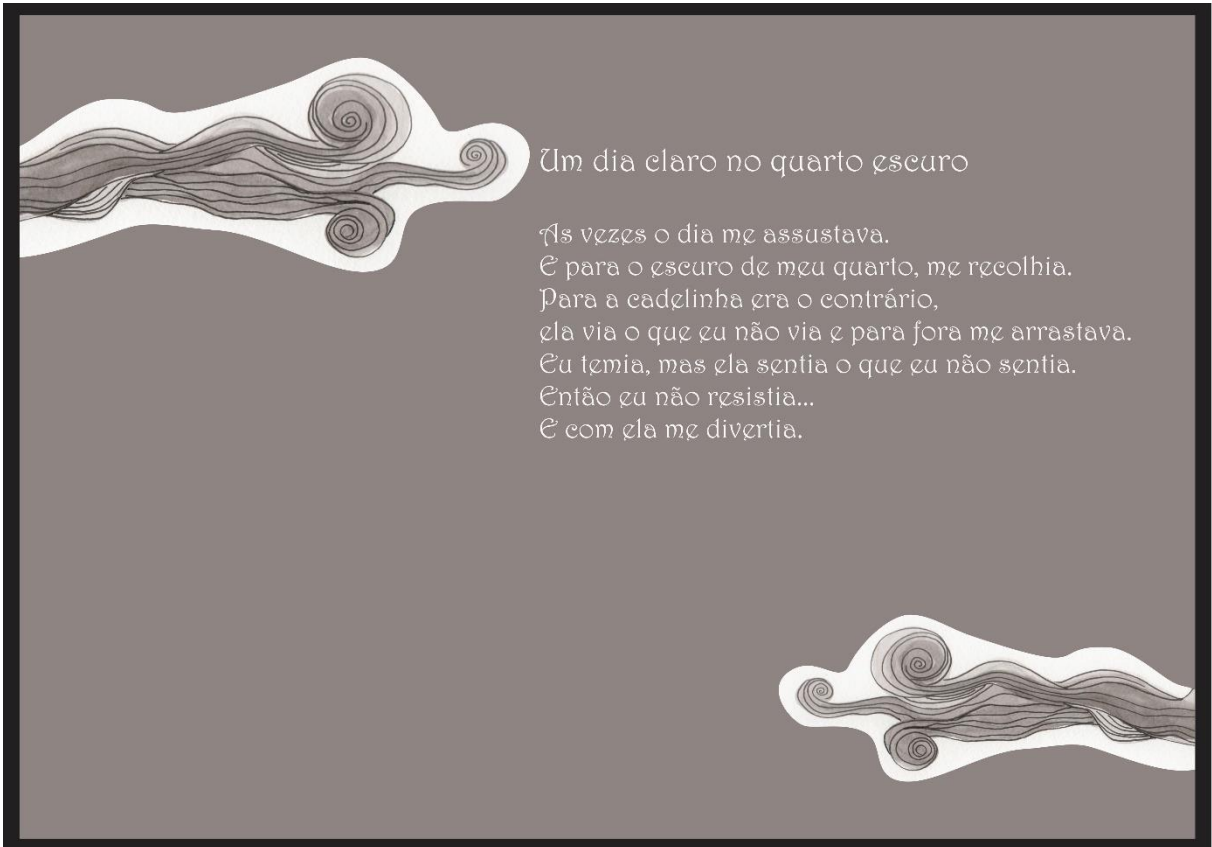
Era noite, hora de fechar os olhos.
 Mas ainda tinha um pedacinho do tempo que corria,
 deslizando minhas mãos sobre seus pelos macios.
 Era uma calma, ambas suspiravam;
 foi-se mais um dia.
 Tons de rosa nos abraçavam, era hora de dormir.
 Com ela a meus pés,
 meus sonhos voavam
 longe, longe...



Os passzios

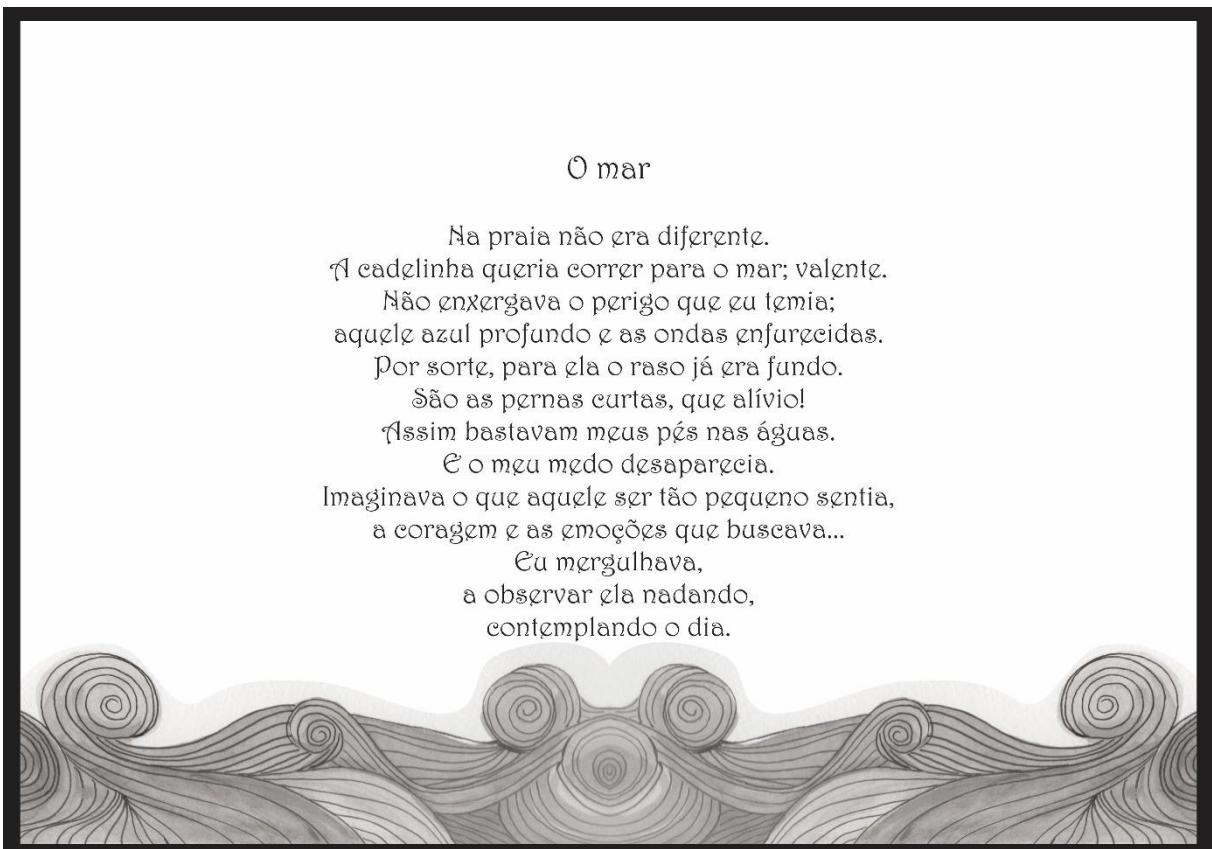
Andando pela cidade ela me puxava.
 Às vezes eu me irritava,
 não gostava do barulho; pensava em tumulto!
 Mas ela me puxava;
 encontrava no cheiro das flores a liberdade,
 apreciava o vento,
 era seu momento de felicidade.
 Por isso, ela me puxava.
 Com o tempo fui aprendendo,
 ela me ensinou a olhar, sentir e admirar.
 Hoje, caminho apreciando os pássaros a cantar.





Um dia claro no quarto escuro

Às vezes o dia me assustava.
 E para o escuro de meu quarto, me recolhia.
 Para a cadelinha era o contrário,
 ela via o que eu não via e para fora me arrastava.
 Eu temia, mas ela sentia o que eu não sentia.
 Então eu não resistia...
 E com ela me divertia.



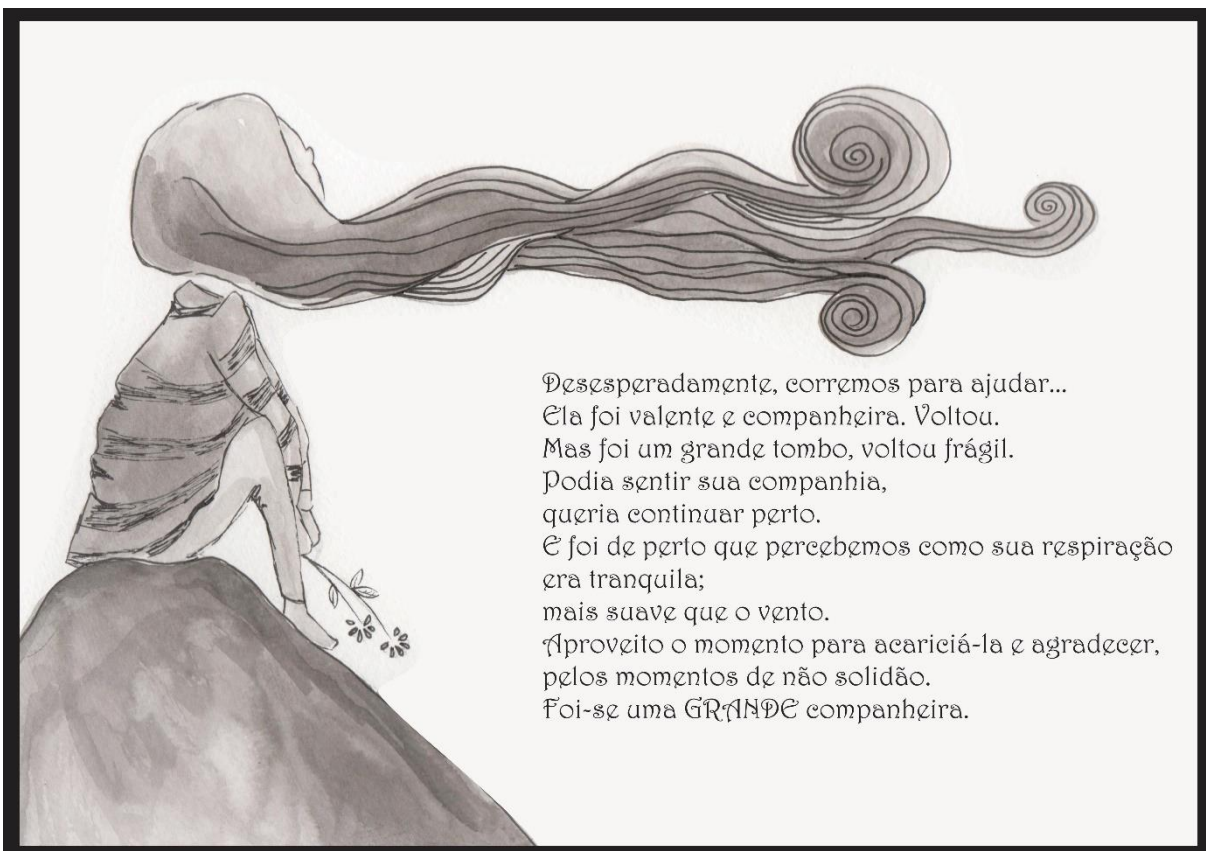
O mar

Na praia não era diferente.
 A cadelinha queria correr para o mar; valente.
 Não enxergava o perigo que eu temia;
 aquele azul profundo e as ondas enfurçadas.
 Por sorte, para ela o raso já era fundo.
 São as pernas curtas, que alívio!
 Assim bastavam meus pés nas águas.
 E o meu medo desaparecia.
 Imaginava o que aquele ser tão pequeno sentia,
 a coragem e as emoções que buscava...
 Eu mergulhava,
 a observar ela nadando,
 contemplando o dia.



O tombo

Foi um tombo! Ou ela voou?
 Cegamente determinada, ultrapassou portas,
 seguindo apenas o vento e...
 tombou-se no chão.
 Determinada? Sim.
 Corajosa? Talvez.
 Imortal? Infelizmente...Não!



Desesperadamente, corremos para ajudar...
 Ela foi valente e companheira. Voltou.
 Mas foi um grande tombo, voltou frágil.
 Podia sentir sua companhia,
 queria continuar perto.
 E foi de perto que percebemos como sua respiração
 era tranquila;
 mais suave que o vento.
 Aproveito o momento para acariciá-la e agradecer,
 pelos momentos de não solidão.
 Foi-se uma GRANDE companheira.

FIM

**APÊNDICE B – Ensaio Literário – *O TEMPO DO PARTIR*
Versão Colorida**

Sandra Kato

Ensaio Literário: O TEMPO DO PARTIR

Os poemas expressam uma relação de amor e amizade entre uma menina e sua cadelinha.

Demonstra que o tempo dos animais não é o mesmo tempo que dos humanos e a cadelinha foi ficando velhinha, enquanto a menina amadurecia.

Neste tempo a menina aprendeu muito, inclusive a apreciar mais as coisas boas e simples da vida. Pois observou como sua amiga aproveitou seu tempo.

No entanto, quando sua cadelinha partiu ficou assustada e triste, imaginou que não seria possível viver sem ela, sua tristeza era vasta como o mar...

Mesmo assim, as lembranças dos momentos que passaram juntas confortaram sua tristeza, causavam até mesmo gargalhadas, bagunçando choro com risadas... e então ela suspirou e pensou ...
«Assim é a vida».

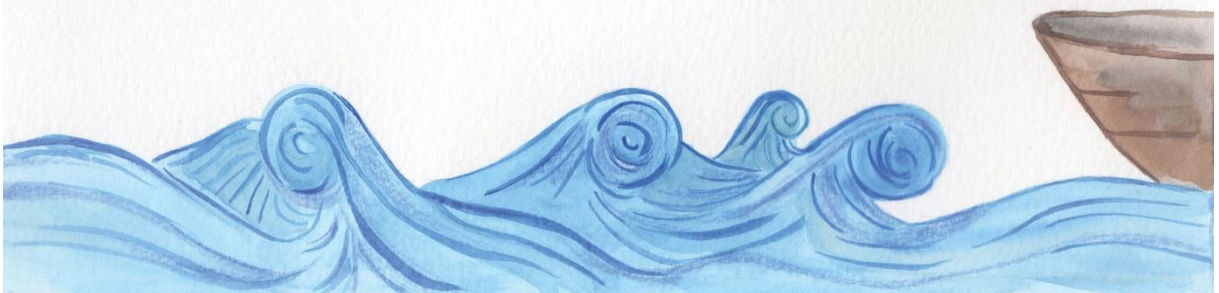
O começo

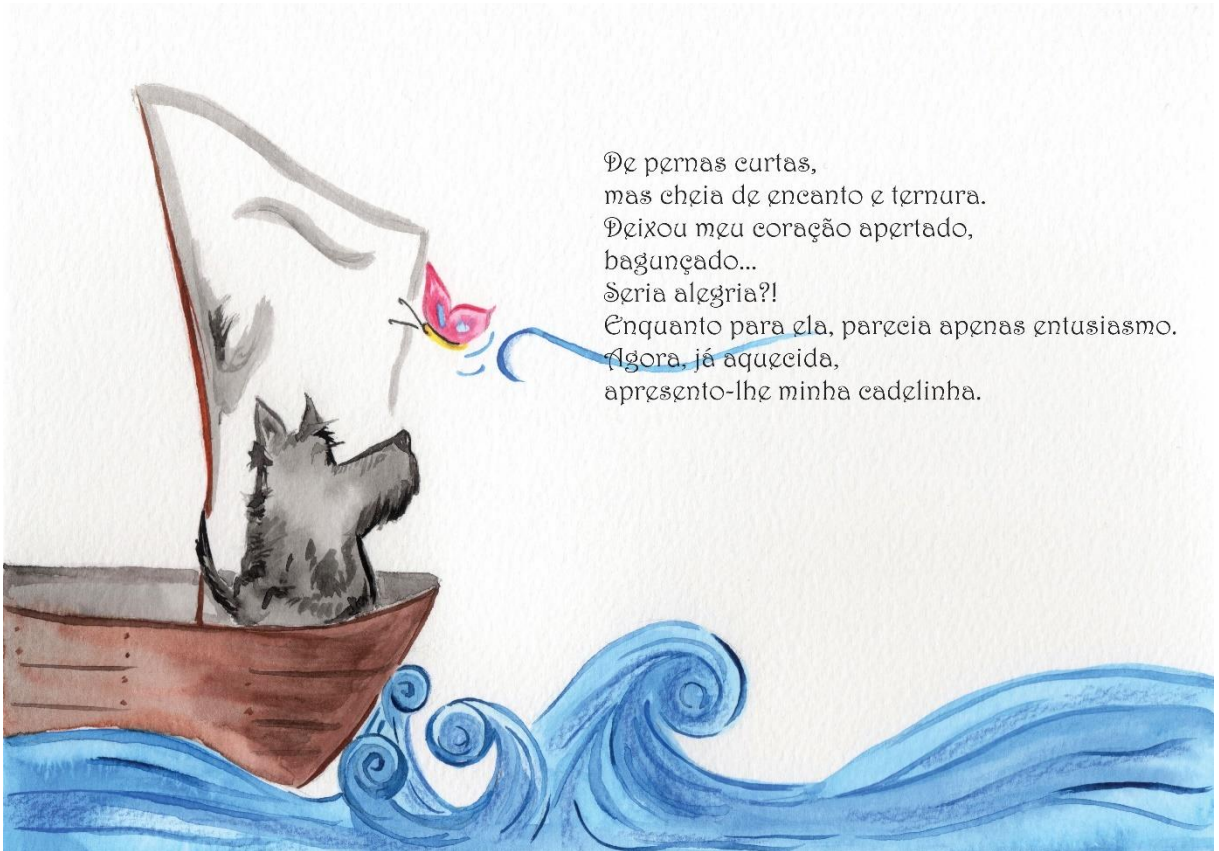
Era uma vez, um final de tarde nevado.
O frio soprava o vento sobre mim,
sentia o inverno gelado.
Que parecia não ter fim.
Fui em busca de algo quente,
e foi assim que tudo começou...



Minha cadelinha

A névoa também era invisível e visível para ela.
Tinha pelos sobre os olhos,
mal podia ver.
Porém seu GRANDE focinho
guiava cada passo de seu caminho.
Carrregando seu pequeno portê.
Raça companheira e esperta, minha Scottie.





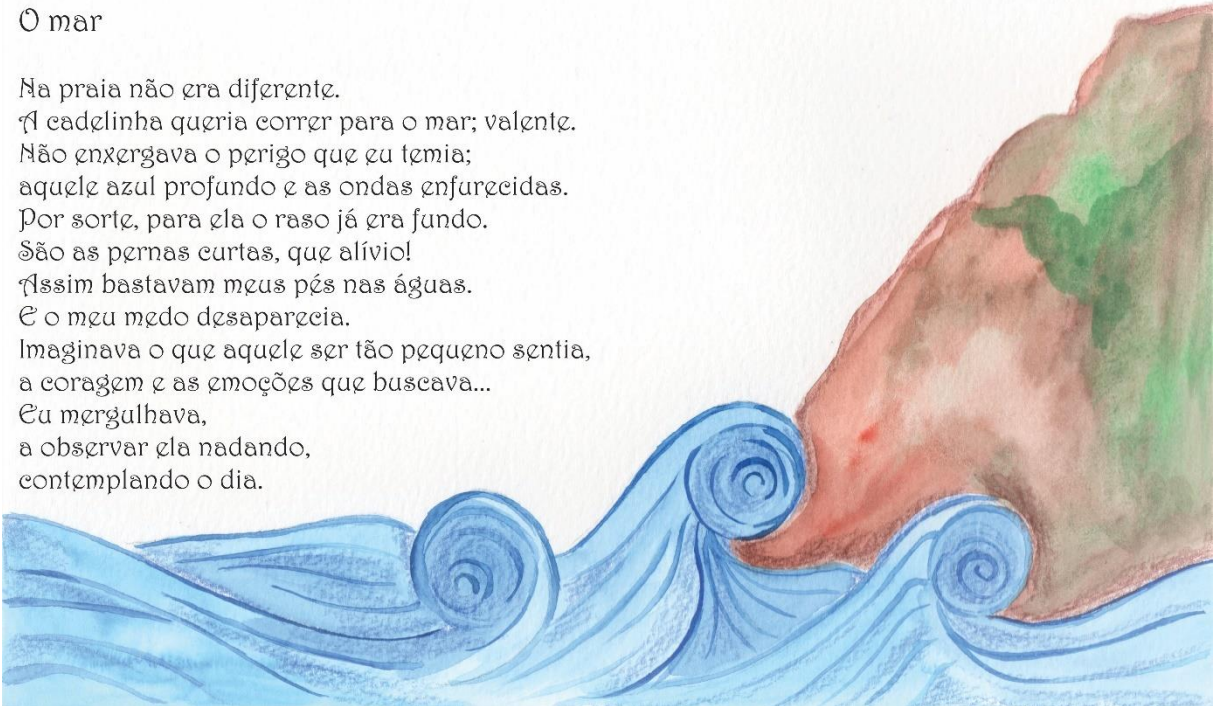
De pernas curtas,
 mas cheia de encanto e ternura.
 Deixou meu coração apertado,
 bagunçado...
 Seria alegria?!
 Enquanto para ela, parecia apenas entusiasmo.
 Agora, já aquecida,
 apresento-lhe minha cadelinha.

Os passeios

Andando pela cidade ela me puxava.
 Às vezes eu me irritava,
 não gostava do barulho; pensava em tumulto!
 Mas ela me puxava;
 encontrava no cheiro das flores a liberdade,
 apreciava o vento,
 era seu momento de felicidade.
 Por isso, ela me puxava.
 Com o tempo fui aprendendo,
 ela me ensinou a olhar, sentir e admirar.
 Hoje, caminho apreciando os pássaros a cantar.

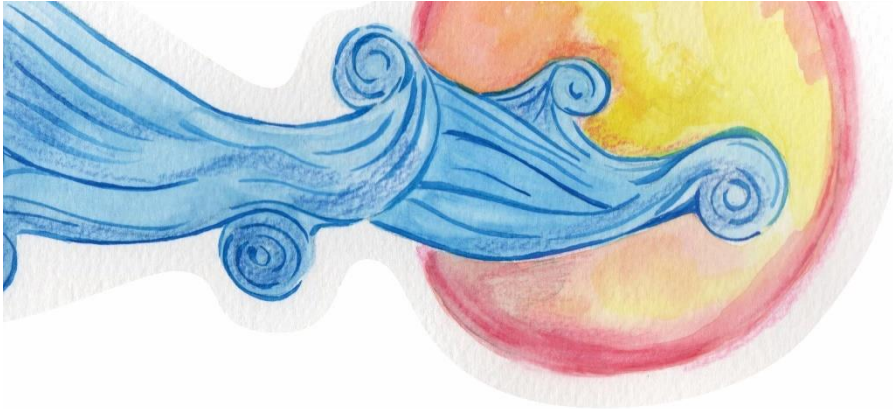
O mar

Na praia não era diferente.
 A cadelinha queria correr para o mar; valente.
 Não enxergava o perigo que eu temia;
 aquele azul profundo e as ondas enfurçadas.
 Por sorte, para ela o raso já era fundo.
 São as pernas curtas, que alívio!
 Assim bastavam meus pés nas águas.
 E o meu medo desaparecia.
 Imaginava o que aquele ser tão pequeno sentia,
 a coragem e as emoções que buscava...
 Eu mergulhava,
 a observar ela nadando,
 contemplando o dia.



O tombo

Foi um tombo! Ou ela voou?
 Cegamente determinada, ultrapassou portas,
 seguindo apenas o vento e
 tombou-se no chão.
 Determinada? Sim.
 Corajosa? Talvez.
 Imortal? Infelizmente... Não!



Desesperadamente, corremos para ajudar...
Ela foi valente e companheira. Voltou.
Mas foi um grande tombo, voltou frágil.
Podia sentir sua companhia,
queria continuar perto.
E foi de perto que percebemos como sua
respiração era tranquila;
mais suave que o vento.
Aproveito o momento para acariciá-la e agradecer,
pelos momentos de não solidão.
Foi-se uma GRANDE companheira.

FIM